

A criatividade no trabalho clínico de Wilfred R. Bion

Estevan de Negreiros Ketzner¹

Resumo: O artigo trata do uso da criatividade na obra de Wilfred R. Bion. Seu uso é de uma importância para libertar as emoções de um aprisionamento cultural quando diante de certos dogmas, tanto científicos quanto religiosos. A saturação de certos lugares comuns do pensamento (objeto K) torna os elementos saturados em uma sessão de terapia, dificultando o trabalho. A proposta do autor é mostrar o trabalho da psicanálise na realização de uma abertura em direção ao desconhecido (objeto O) para que assim possa haver uma retomada de temas que se transformam em plenitude.

Palavras-chave: Bion. Emoções. Objeto K. Objeto O. Psicanálise.

Para Omero Pereira da Costa.

Introdução

Trataremos sucintamente de como Wilfred Ruprecht Bion trouxe contribuições importantes para o desenvolvimento emocional a partir do uso da criatividade na clínica psicanalítica. Iremos explorar como a criatividade exige uma conexão profunda entre terapeuta e paciente, rumando para uma primazia das experiências emocionais em direção a um nível de abstração mais complexo.

Nossa perspectiva parte do ponto atual da relevância da inteligência emocional, entendida pela perspectiva de Goleman (1995), cuja ideia básica é o aprendizado de emoções genuínas para o desenvolvimento da personalidade.

¹ Psicólogo clínico (PUCRS). Mestre e Doutor em Letras (PUCRS). Professor na Pós-Graduação em Psicanálise da Anhanguera, núcleo Erechim.

Incluimos também os estudos levantados por Turner (2007), ao reconhecer o quanto as relações com a cultura são capazes de dispor diferentes níveis emocionais nas pessoas. Como as duas propostas interagem reciprocamente na clínica psicanalítica? Os avanços das neurociências atuais (Ketzer, 2019) nos permitem então encontrar no trabalho de Bion (1987) uma conexão desses achados com seus achados clínicos, incluindo também as manifestações do mundo da cultura.

Para tanto, nosso interesse é definir o ponto de vista sobre os usos da cultura no trabalho clínico. É a cultura uma aliada do desenvolvimento emocional, a partir da noção de aparelho de pensar pensamentos (Bion, 1994a) e suas consequências na prática clínica (Bion, 2003). Enxergamos nesse autor um pensador marginal dentro da literatura psicanalítica, aliando diferentes paradigmas oriundos das ciências formais, positivas e hermenêuticas. Nosso método de leitura de sua obra propôs avistar as categorias utilizadas pelo psicanalista, buscando incluir nelas uma revisão constante baseada em nossa experiência clínica, tal como apresenta a teoria fundamentada (*grounded theory*) de Strauss & Corbin (2009).

1. A clínica do conhecido dos sentidos ao desconhecido do intuível

Bion (Bléandonu. 1993) possui uma formação básica em história e literatura pelo Queen's College da Oxford University, logo após ser combatente na Primeira Guerra Mundial. Tais estudos o ajudaram a encontrar uma perspectiva independente do sistema de ensino tradicional inglês. Aos poucos, a valorização chegou ao estudo da medicina na University College London e ao estudo dos pequenos grupos. Finalmente, sua curiosidade o levou para a psicanálise, analisando-se com Melanie Klein. Bion encontra na psicanálise um lugar em que de fato o pensamento poderia ser aplicado no contato direto com os seres humanos (Bion, 1994a).

É necessário pensarmos todo o seu trabalho com pequenos grupos durante a Segunda Guerra Mundial, pois ali a percepção de trauma de guerra fica mais clara através das experiências narradas pelos soldados e pelos membros da equipe hospitalar. Nesse primeiro momento de seu trabalho envolvendo a dinâmica psicológica grupal, o autor nos ajuda a pensar justamente o que é mais essencial: “Há uma aversão total a ter de aprender com a experiência e uma falta de fé no valor de tal tipo de aprendizagem” (Bion, 2006, p. 79). O psicanalista está preocupado com a perda do sonho individual devido à massificação das relações grupais. Esse problema levou ao aparecimento de três conjuntos gerais de comportamentos inconscientes, denominados por ele de Pressupostos Básicos: dependência, acasalamento e luta-e-fuga. Esses pressupostos básicos

não correspondem à realidade, mas, antes, representam uma falta de esperança no que pode ser transformado e criado.

Um dos problemas da terapêutica de grupo, então, reside no fato de ser o grupo frequentemente utilizado para a obtenção de uma sensação de vitalidade pela submersão total no grupo ou de uma sensação de independência individual pelo repúdio total dele. Essa parte da vida mental do indivíduo, que é incessantemente estimulada e ativada por seu grupo, é a sua herança inalienável como animal de grupo. (Bion, 2006, p. 81)

Esses desejos, quando em jogo nas relações grupais, visam excluir o ruim e exaltar o bom. Nesse ponto, Bion leva em consideração as nuances que a expressão de uma emoção possui em diferentes contextos. “Juntando-se às razões comumente encontráveis na psicanálise para este tipo de comportamento, o indivíduo no grupo possui razões que se derivam diretamente de peculiaridades dos estados emocionais, associados com as suposições básicas.” (Bion, 2006, p. 83)

Após as experiências, em 1948, com os grupos no hospital Tavistock, Bion passa a se interessar mais profundamente pela psicanálise e a capacidade de utilizá-la criativamente na clínica (Cortiñas, 2009; Ogden, 2010; Reiner, 2012). O trabalho intitulado *O gêmeo imaginário* (Bion, 1994a), mais tarde revelado como a análise de Samuel Beckett (Junqueira Filho, 2008), mostrou-nos muito de sua técnica como terapeuta, quando diante das adversidades no relacionamento com o futuro Prêmio Nobel da Literatura (Bléandonu, 1993).

O psicanalista se interessa profundamente por uma comunicação com o paciente através da identificação projetiva, descoberta por sua grande mestra Melanie Klein (1948), mas vai além: “permitindo, especialmente, que o ódio retornasse como uma parte sua, na relação que mantinha comigo” (Bion, 1994a, p. 20). A ideia de um irmão gêmeo nos abre para uma contribuição inventiva do psicanalista em direção a uma ação terapêutica que só ganha vida porque está em estreita relação com o paciente. Nessa contribuição imaginativa de Bion, encontramos a quebra do *ritmo* na sessão, o que transformou materialmente a queixa de Beckett, em direção à aquisição de confiança em um membro de sua família imaginária como sendo um bom irmão.

Ao contrário do que se poderia pensar de uma relação maniqueísta, bom e mau objetos introjetados por Beckett, a intuição de Bion ruma a uma reintegração da percepção fendida pela psicose. Somente ao demonstrar intimamente onde se expressa a incoerência e a fuga de pensamentos, que afastam as emoções, Bion pôde integrar as partes dispersas do paciente em busca de uma integridade emocional.

2. Criatividade psicanalítica

O interesse pelo trabalho particular dos afetos na vida de seus pacientes trouxe também muito de um entendimento afiliado ao contato com a literatura de vanguarda contemporânea de seu tempo. Autores como Franz Kafka, James Joyce, Marcel Proust e, mais tardiamente, Samuel Beckett chamaram a atenção da classe intelectual europeia. Qual é a questão fundamental que move essa literatura? Tais autores tentaram ressaltar a estranheza com a realidade, mostrando o quanto o absurdo pode envolver diante da banalidade de seus atos paulatinamente embrutecidos pela aridez da vida cotidiana. E surge uma necessidade maior de se fazer perguntas, indagar, propondo uma breve interrupção no ritmo daquilo que já estamos acostumados a fazer. “A resposta é a desgraça da questão” (Blanchot, 2010, p. 43). E aqui podemos reparar essa importante influência no trabalho com as expectativas de segurança ao acompanharem a mente contemporânea.

O encontro de Samuel Beckett com Bion (1994a), relatado no ensaio clínico *O gêmeo imaginário*, é uma tentativa de mostrar essa mudança de ritmo no modo de tanto o paciente quanto o seu analista aprenderem através da relação:

É conveniente encarar o pensar como uma atividade que depende do resultado satisfatório de dois desenvolvimentos mentais básicos. O primeiro desenvolvimento é o dos pensamentos. Estes requerem um aparelho que deles se encarregue. O segundo desenvolvimento, conseqüentemente, é o desenvolvimento do aparelho que provisoriamente chamarei [atividade ou faculdade de pensar]. Repetindo: o pensar passa a existir para dar conta dos pensamentos. Cumpre notar que isso difere de qualquer teoria do pensamento como produto do pensar, na medida em que se considera o pensar um desenvolvimento imposto à psique pela pressão dos pensamentos e não o contrário. Os desenvolvimentos psicopatológicos podem-se associar a qualquer uma das duas fases, ou mesmo a ambas; isto é, eles poderão estar relacionados a um colapso no desenvolvimento dos pensamentos ou a um colapso no desenvolvimento do aparelho para “pensar” os pensamentos ou com eles lidar; ou a ambos. (Bion, 1994a, p. 128)

Não apenas trazer o inconsciente para o consciente, mas *alfa-betizar*: do *elemento beta*, bruto, concreto, sem imaginação; até sua transformação em *elemento alfa*, para que este se depure em abstração e elucubração fantasiosa, da mais alta categoria emocional (Bion, 2003). Para Bion, inventar é dar gosto à vida, parte de sentir prazer com algum elemento da vida. Este processo não é simples, sendo entendido como um aprofundamento de cunho emocional, transcendente da vida do paciente. Como chegar até este ponto? O psicanalista

recebe então a árdua tarefa de ajudar os pensamentos a serem pensados, pensar as coisas, mesmo que sejam devaneios supérfluos, preparando tais pensamentos para o que lhes é estranho ou mesmo inadmissível de existir. Neste momento, mais do que pensar, é o aparelho humano que pode ser desenvolvido emocionalmente, da mesma forma que o escritor é capaz de tomar palavras meramente comunicativas, signos, e transformá-las em sensações.

Em decorrência do gradual crescimento emocional que a atividade do pensar gera, Melanie Klein inferiu haver uma passagem da posição esquizoparanoide, mais limitada devido à fragmentação do ato de pensar; para uma posição depressiva, mais complexa pois leva em conta o sentimento de culpa do eu. Para Bion (2003), há uma reversibilidade entre essas duas posições, algo é vivido pelos pacientes como uma certa regressão necessária para o desenvolvimento de outras partes do eu. Este apontamento torna mais claro como nós também podemos ter uma opinião muito racional para certos objetos, mas por vezes estarmos lidando com eles internamente como coisas fragmentadas, portanto, lidando com eles sem a devida elaboração emocional.

PS (Posição esquizo-paranoide) ↔ D (posição depressiva)

Para o autor, a verdadeira transformação é acompanhada de *realização* e, com este termo, o autor dá luz à sensação que se perdeu por trás de uma saturação de elementos endurecidos como coisas não pensáveis (elementos-*beta*). A realização (*achievement*) nos informa que o psicanalista deve usar uma linguagem que restitua a sensação de estar vivamente pleno na situação explicitada. “Dentro do campo limitado ao qual restringi os elementos-*beta* até agora, sugeri que o termo fosse usado para cobrir uma área de fenômenos, tais como os ‘pensamentos’ que alguns pacientes psicóticos consideram indistinguíveis de ‘coisas’” (Bion, 2004a, p. 105). Como exemplo, temos uma memória tão real na cabeça da pessoa a ponto de impedi-la de imaginar o que pode estar por trás de sua fixação repetida em sua mente. Neste exemplo, a memória mantém-se viva, impenetrável, portanto, a sensação de imobilidade e rigidez. Bion (2004a), desejava explorar, à luz da psicanálise, o quanto era importante que a dupla terapeuta-paciente, fosse capaz de desenvolver pequenos exercícios, tal como o músico toca uma escala musical, treinando uma música ou improvisando-a, de maneira a permitir uma maior flexibilidade dos conteúdos ali envolvidos. Isso também ajudaria o paciente a digerir seus pensamentos, promovendo o que antes era impossível, com a gratitude da verdade vivida.

3. O místico como ruptura criativa

Na obra *Atenção e interpretação*, publicada pela primeira vez em 1970, Bion (2006) nos traz uma questão de fundamental importância acerca da originalidade de pensamentos desprovidos de pensadores: “É necessário postular ‘pensamento’ sem supor que um pensador lhe seja essencial. Não vou agora tentar explicar por quê. Todo o pensar e todos os pensamentos são verdadeiros quando não há nenhum pensador” (Bion, 2006, p. 124). Nos deteremos nessa citação pois enxergamos nela problemáticas de fundamental importância quando estamos diante de uma complexidade que já aparece em sua obra *Estudos psicanalíticos revisitados* (Bion, 1994a, p. 128): “o pensar passa a existir para dar conta dos pensamentos”.

Apesar de o autor não se preocupar diretamente em esclarecer essa questão, precisamos nos dar conta de que o pensamento está à procura de um pensador que o revele e o desenvolva. Mais do que isso, é na figura do pensador que o engano é completamente permitido, sendo esta, uma atividade de incompletude do sujeito diante do saber, este chamado por Bion como *objeto K*, sigla utilizada para designar *Knowledge* (conhecimento), em inglês. O engano que o K profere está em diametral oposição ao seu ideal de completude, isto é, saber o que uma coisa é, tal como sua essência. Para as dúvidas que temos diante de algo que é muito maior do que nossa capacidade de apreender um objeto na sua totalidade, Bion desenvolveu o termo *objeto O* para dar a ideia de um zero também, círculo ou mesmo olho (do hebraico *Ein Sof*), encontrado na tradição da mística judaica (Scholem, 2008; Ketzer, 2016). Como lidar com um objeto que nos é distante dos sentidos? “. . . O é escuridão e ausência de forma, mas entra no âmbito de um conhecimento obtido por experiência, e formulado em termos derivados de experiência sensorial; sua existência é conjecturada fenomenologicamente” (Bion, 2006, p. 41). O autor inglês parece estar muito determinado a tornar o desconhecido conhecível, ao aprofundar as relações humanas com um interesse não restrito a uma interpretação tangível do analista. Deve haver um tempo de espera, tempo messiânico, para uma evolução das categorias criadas pela dupla na relação analítica, para que, então: “O se torne manifesto em K” (Bion, 2006, p. 43). Uma nova experiência de leitura do fenômeno deve advir e nisso está toda a experiência da psicanálise, envolvendo seus pilares fundamentais na análise pessoal, supervisão da prática clínica e no estudo teórico. A noção de espera passa a ser ativa, pois é ativamente a transformação dos elementos brutos em abstratos (Bion, 2004b). Esperar também nos indica ter alguma espécie de esperança, ou seja, realizar uma ação em benefício da transformação, sem recair em formulações saturadas de sentidos. “Desejo chamar a atenção

para ‘memórias’ e ‘desejos’ que possuem os seguintes elementos em comum: são formulações prontas e, portanto, não precisam ser formuladas; derivam de experiências obtidas através dos sentidos” (Bion, 2006, p. 45). Logo, o psicanalista precisa sair da armadilha dos sentidos e da impressão de realidade total deixada por um tipo de estado consciente muito embrutecido. Já vimos o quanto a experiência de análise de Samuel Beckett contribui para essa possibilidade instaurativa de estabelecer comunicação em sérias condições psíquicas agravadas por patologias graves. No caso da análise de Beckett, Bion (1994a) recorre a uma exposição de sua intuição, contrariando tanto o desejo do paciente quanto sua memória.

Minha última sentença representa um “ato” daquilo que chamei de “fé”. Em minha visão, trata-se de uma afirmação científica, pois para mim “fé” é um estado de mente científico e deve ser reconhecido como tal. Mas é necessário que seja “fé” sem resquício de nenhum elemento de memória ou desejo. (Bion, 2006, p. 46)

Que espécie de fé se aproxima da ciência? Não é parte da ciência também se utilizar de causa e consequência, portanto de um pensamento inferencial, para chegar a uma resposta mais objetiva? Não teria tanto a religião quanto a ciência se afastado da causa primeira de como a mente humana precisa evoluir? Frente a essas questões, o psicanalista inglês procura dar um lastro de especulação e palpitação no contato com o outro, participando assim de uma experiência emocional intensa. Ao recriarem a linguagem que utilizam, em busca de novos pensamentos, psicanalista e analisando correm perigo, pois esse trabalho contraria expectativas que ambos criam um do outro. Começa um lento trabalho de desmontagem do que é determinado em qualquer convenção já estabelecida. Para mostrar o quanto essa ruptura convencional está implicada no trabalho de Bion, trouxemos como exemplo a entrevista do psicanalista Luiz Alberto Py a Roberto D’Avila. Nela, Py fala um pouco sobre sua análise pessoal com Bion:

Certa vez, depois de um fim de semana, em uma segunda-feira, falei para ele que eu não queria mais discutir a questão de se eu tinha vocação ou não. Me lembrei de uma biografia de Beethoven, onde se dizia que quando ele era criança não queria ser músico, mas seu pai, que era músico, batia nele e o obrigava a estudar música. E ele, que era um gênio, se tornou um gênio da música. Achei que possivelmente ele teria sido um gênio em qualquer outra área também. E eu disse para o Bion, que mal comparando eu não era um gênio, mas era um psicanalista bem-sucedido. Falei: “meu pai não me bateu para eu virar psicanalista, mas eu acabei me tornando um, segui o caminho dele. Sou um cara bem-sucedido, faço um trabalho razoavelmente bom e então eu não vou mais questionar esse problema, não aguento mais conversar sobre este assunto”.

E muito formalmente, como era seu jeito, ele me disse: “Não podemos analisar o Beethoven porque ele não está aqui, mas eu gostaria de ponderar com você que talvez ele tenha ficado surdo para não ouvir o que compunha”. Gente! O que será ter que ficar surdo para a pessoa não ter que ouvir o seu trabalho. Foi quando me dei conta de que teria que levar este assunto às últimas consequências, teria que encontrar qual o meu real caminho e não podia mais me forçar a fazer alguma coisa que não fosse a minha verdadeira vocação. (Py, 2016, Psicanalista pondera sobre surdez de Beethoven)

Um compositor fica surdo para não ouvir a sua obra. E nesse movimento uma força descentralizadora parece se aproximar, transformando o conhecido até um ponto completamente desconhecido. Há, assim, um instante de alucinação, tal como aquele encontrado nas obras de arte (Rech & Ketzer, 2017). Esse tipo de alucinação do sensório é uma recusa consciente da memória e do desejo. Uma recusa à satisfação que seus atos trazem para o reconforto de uma consciência baseada no sistema causa-consequência que alimenta imagens mentais já definidas (Ketzer, 2019). É fundamental ao analista se afastar dessa associação quase automática: “Se o analista não se desvencilhou de memória e desejo, o paciente pode ‘sentir’ isso, ficando dominado pelo ‘sentimento’ de ser possuído e contido pelo estado de mente do analista; isso é o estado representado pelo termo ‘desejo’” (Bion, 2006, p. 56). Como medida protetiva, Bion indica em outro trabalho o quanto a interpretação também precisa ceder espaço a um outro movimento que não se reduza à formação de ideias oriundas de seu próprio bom senso ou de uma adequação a uma realidade imaginada:

Parece-me que este procedimento aproxima-se de um estado que Freud, descreveu numa carta a Lou Andreas-Salomé, de 25 de maio de 1916: “Sei que me ceguei artificialmente em meu trabalho a fim de concentrar toda a luz sobre a passagem escura”. Em minha experiência, este procedimento torna possível intuir uma “evolução” presente e deita as bases para “evoluções futuras” Quanto mais firmemente isto é feito, menos o analista tem que se preocupar com o recordar. (Bion, 1990, p. 33)

Poder cegar-se artificialmente, procurar não explorar o evidente, para com isso priorizar as perguntas. Esse procedimento pode dar à percepção uma riqueza sensível extrassensorial, promovendo a intuição, a memória e os desejos, desenvolvendo a *função alfa*, atingindo assim uma conexão mais natural e aprofundada do âmbito da exploração emocional. Esse procedimento, tão fundamental na física quântica de Heisenberg, foi pensado por Bion (1992) ao considerar a dinâmica de partículas (posição esquizoparanoide) e a ondulatória (posição depressiva) em um experimento ainda a ser formalizado em termos matemáticos. Experimentos esses que, tecnicamente, nossos olhos não são capazes

de enxergar, nem mesmo com a utilização de microscópios de alta resolução. É a física quântica a responsável por dar continuidade à experimentação científica em um nível nunca antes estudado pela física newtoniana (Galetti, Marchioli, & Lima, 2019).

E se há esse espaço determinado para a ciência se lançar em um empreendimento nunca antes testemunhado como ciência, traindo completamente o ideal positivista, trazendo um formalismo como forma de despertar a inteligência, é porque esse conhecimento já estava aqui sem ainda ter recipiente adequado para sua manifestação em termos inteligíveis. Somente ao traír nossa confiança em uma racionalidade ou nas experiências passadas, podemos experimentar algo como a luz em sua intensidade mais verdadeira. Trazer de volta a coisa morta, sem sabor, à vida, realização do objeto O.

“Ele revela as coisas profundas e secretas e conhece o que há na escuridão e a luz reside Nele” (Daniel, 2:22) Por que as revela? Porque sabe o que há na escuridão; porque se não fosse pela escuridão não saberia o que é a luz. “E a luz reside Nele.” Quê luz é esta? É a luz que se revela desde a escuridão. E quanto a nós, da escuridão do grande deserto, tem saído essa grande luz para acendê-lo.² (Dujovne, 2005, p. 82)

A citação acima permite pensarmos na importância da escuridão no panorama da situação clínica. A escuridão presta um esclarecimento sobre o que nela perdemos de vista e somente nela saberemos como distinguir o que *somos* do que *achamos que somos*. Igualmente, a escuridão como olhar para o céu à procura de Deus, mas justamente encontrar o nosso vértice interior, é este o desenvolvimento emocional maior pelo qual se chega ao amor. Talvez no amor não haja mais do que uma escolha, pois simplesmente surja algo inesperado. É quando estamos preparados para mudar o estado de nossa mente e receber múltiplas interferências nas memórias e nos desejos, que descaracterizam as certezas. “Durante toda a minha vida tenho sido aprisionado, frustrado, perseguido por senso comum, razão, memórias, desejos e — o maior fantasma de todos — entender e ser entendido” (Bion, 1996, p. 205). Autorizamos assim o sonho em livre associação. É de lá que a letra a letra *alfa*, grega, também ele seja lida como um *aleph*, hebraico, que além ser a primeira letra deste alfabeto semítico, é desprovida de som vocálico (Scholem, 2008). É somente a partir do *aleph* que a natureza poderá se multiplicar, se estranhar, para desejarmos sair do aprisionamento dos sentidos e de sua interpretação mais vulgar.

Essas aproximações às voltas com o princípio da incerteza de Heidelberg não são meras histórias advindas de tradições antigas. Há uma ligação que nos impele

² Tradução nossa do espanhol.

a busca da verdade. Atacar essa ligação é uma tentativa de inutilizar, retirar o investimento dessa busca, atrasar esse encontro, provavelmente pelo atraso no desenvolvimento das emoções em prol de algo maior e mesmo inesperado. Segundo as sessões de James Grotstein com Bion:

Eu acabei de fazer uma interpretação sobre sua ansiedade, e você parece ter achado que ela estava correta, mas, na verdade, nunca saberemos a fonte dela. Não é para ela ser conhecida. Podemos apenas nos aproximar dela – ou, na verdade, aprender o que ela não é. (Grotstein, 2010, p. 44)

Nessa busca pelo conhecimento, na qual deveríamos ter uma postura de curiosidade e humildade, não são raras as vezes que somos invadidos por uma arrogância desmedida capaz de nos cegar com a onipotência. Esses perigos também são parte de uma defesa diante de um encontro assustador, uma turbulência emocional (Bion, 1987), colocando-nos frente a um vazio inconsistente e destituído de forma, em períodos em que somos mais demandados por não saber ainda lidar com situações para as quais estamos despreparados emocionalmente.

Considerações finais

Em nossa jornada, olhamos para um aspecto de demasiada importância na obra de Bion: a experiência emocional e sua transformação. Sem o desenvolvimento das emoções o psiquismo permanece atávico a determinadas restrições espaço-temporais. Trata-se de um *ser* que se acredita saber, mas só conhecemos seus fenômenos pelos sentidos, portanto, não o ser de fato em sua essência. Entre a parte e o todo, a loucura criativa, o nascimento do anjo que chega ao profeta e lhe dita sua missão quem somos? Só somos diante de algo que também participa conosco do processo da criação e da recriação do fluxo espaço-temporal. Somos parte do experimento à espera de novos cientistas para se referirem a invenções revolucionárias.

Para Eigen (2017), o objeto O é a própria expressão da vida e sua manifestação em fenômenos culturais. E é na emoção que Bion encontra a fonte de todo o movimento entre saúde e cultura para formar um humano disposto a crescer para além de sua infância. E a experiência psicanalítica é capaz de se aproximar do inefável, tanto quanto as artes e a ciência, quando permite ao desconhecido participar da vida mundana. Para Ogden (2010), Bion promove o pensar em busca de uma experiência integrada ao gosto, ou seja, sair da saturação dos sentidos. A experiência humana pode ser alterada o tempo todo para nos permitir transformar uma má situação, a ansiedade por exemplo, em algo melhor (Bion, 1994b), ou seja, aprender a lidar com ela a partir da interpretação, que não se

rende a um estado total, permitindo o novo chegar. Onde era esperado acordar, propomos ao sonho mais um instante em nossas mentes.

Bion é autor de uma peripécia, um ponto de virada em uma narrativa, a virada do jogo completamente inesperada. Assim como na história de Édipo em que já se sabe o roteiro final, matar o pai e casar com a mãe, Bion afirma que essa peripécia não se esgota. Pelo contrário, devemos trazê-la para o problema fundamental da arrogância (Bion, 1994a), pois um homem arrogante não é capaz de se deixar tocar por um outro final. Foge do que teme, mas chega justamente ao mesmo lugar. Não aceita sua própria história e que suas tentativas fracassaram justamente quando acreditava estar em busca da felicidade. Sobre esse modelo de renovação, esse vértice, Bion nos aproxima de questões ainda complexas em nossos consultórios, mas cada vez mais atuais.

The creativity in the work of Wilfred R. Bion

Abstract: The article deals with the use of creativity in the work of Wilfred R. Bion. Its use is important to free emotions from cultural imprisonment when faced with certain dogmas, both scientific and religious. The saturation of certain commonplaces of thought (object K) makes the elements saturated in a therapy session, making work difficult. The author's proposal is to show the work of psychoanalysis in carrying out an opening towards the unknown (object O) so that there can be a resumption of themes that are transformed into plenitude.

Keywords: Bion. Emotions. Object K. Object O. Psychoanalysis.

Referências

Bion, W. R. (1987). Turbulência emocional. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 21(1), 121-133.

Bion, W. R. (1990). Notas sobre memória e desejo. In Barros, E. M. R. (Org.), *Melanie Klein hoje, volume 2*. Rio de Janeiro: Imago.

Bion, W. R. (1992). *Cogitations*. Karnac Books: London.

Bion, W. R. (1994a). *Second thoughts: Estudos psicanalíticos revisados*. Rio de Janeiro: Imago.

Bion, W. R. (1994b). *Clinical seminars and other works*. London: Karnac Books.

Bion, W. R. (1996). *Uma memória do futuro III: A aurora do esquecimento*. Rio de Janeiro: Imago.

- Bion, W. R. (2003). *Aprendiendo de la experiencia*. Barcelona: Paidós Ibérica.
- Bion, W. R. (2004a). *Elementos de psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago.
- Bion, W. R. (2004b). *Transformações – do aprendizado ao crescimento*. Rio de Janeiro: Imago.
- Bion, W. R. (2006). *Atenção e interpretação*. Rio de Janeiro: Imago.
- Blanchot, M. (2010). *A conversa infinita: A palavra plural, vol. 1*. São Paulo: Escuta.
- Bléandonu, G. (1993). *Wilfred R. Bion: A vida e a obra, 1897-1979*. Rio de Janeiro: Imago.
- Cortiñas, L. P. (2009). *The aesthetic dimension of the mind: Variations on a theme of Bion*. London: Karnac.
- Dujovne, L. (2005). *Zohar, vol. 4*. Buenos Aires: Editorial Sigal.
- Eigen, M. (2017). *Cabala e psicanálise*. São Paulo: Blucher.
- Galetti, D., Marchioli, M. A., & Lima, C. L. (2019). Von Neumann e a descrição da Mecânica Quântica no espaço de fases. *Revista Brasileira de Ensino de Física*, 41(3), <https://doi.org/10.1590/1806-9126-rbef-2018-0269>
- Goleman, D. (1995). *Inteligência emocional*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- Grotstein, J. S. (2010). *Um facho de intensa escuridão*. Porto Alegre: Artmed.
- Junqueira Filho, L. C. U. J. (2008). A “disputa” (*prise de Bec*) entre Beckett e Bion: a “experimentação” do *insight* no resplendor da obscuridade. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 42(2), 103-117. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2008000200010
- Ketzer, E. N. (2016). De um lado a outro do eu ao infinito que habita em nós: Uma experiência mística judaica em Clarice Lispector. *Letrônica*, 9(2), 411-423. DOI: <http://dx.doi.org/10.15448/1984-4301.2016.2.23632>.
- Ketzer, E. N. (2019). Algumas contribuições da neuropsicanálise em casos de traumas psíquicos. *Diaphora: Revista da Sociedade de Psicologia do Rio Grande do Sul*, 19(1), 9-16. <http://www.sprgs.org.br/diaphora/ojs/index.php/diaphora/article/view/166/164>

Klein, M. (1948). *Contributions to psycho-analysis, 1923-1945*. London: The Hogarth Press.

Ogden, T. (2010). *Esta arte da psicanálise: Sonhando sonhos não sonhados e gritos interrompidos*. Porto Alegre: Artmed.

Py, L. A. (2016, 01 de janeiro). Crise dos 40 ocorre aos 36 anos diz Luiz Alberto Py. *Vya Estelar*. <https://www.vyaestelar.com.br/post/3280/crise-dos-40-ocorre-aos-36-anos-diz-luiz-alberto-py>

Rech, M., & Ketzer, E. N. (2017). Estranhamento e sensorialidade na experiência da psicanálise. *Polêmica*, 17(2), 68-83. <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/polemica/article/view/29609/20813>

Reiner, A. (2012). *Bion and Being: Passion and the creative mind*. London: Karnac.

Scholem, G. (2008). *As grandes correntes da mística judaica*. São Paulo: Perspectiva.

Strauss, A. & Corbin, J. (2009). *Pesquisa qualitativa: Técnicas e procedimentos para o desenvolvimento de teoria fundamentada*. Porto Alegre: Artmed.

Turner, J. H. (2007). *Human emotions: A sociological theory*. London: Routledge.

Copyright © Psicanálise – Revista da SBPdePA
Revisão de português: Mayara Lemos

Recebido em: 02/03/2022

Aceito em: 26/08/2022

Estevan de Negreiros Ketzer
Endereço: Rua Dona Laura, n. 228, sala 50
90430-090 – Porto Alegre – RS – Brasil
Email: estevanketzer@gmail.com